

Annibal Soares



Chronica

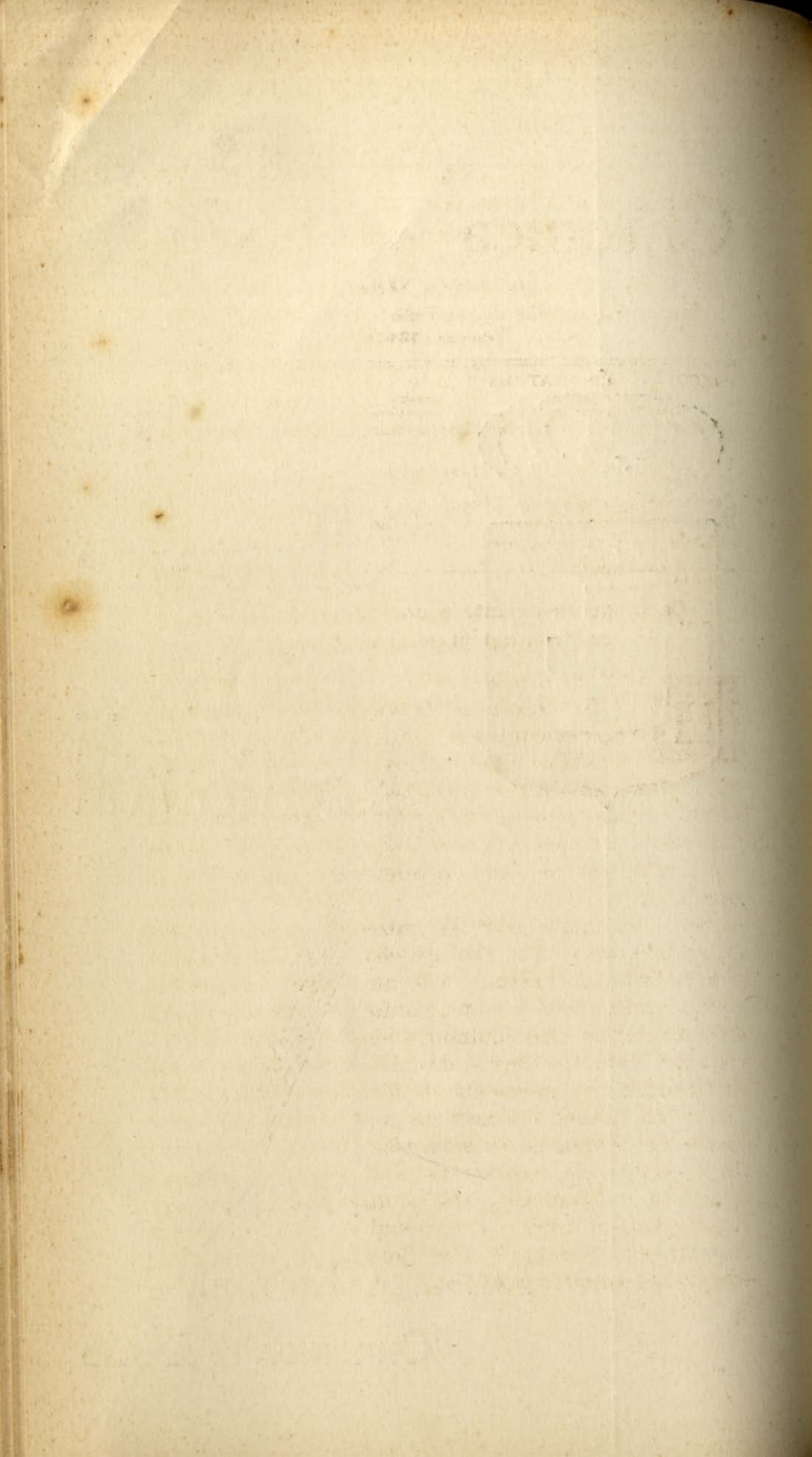
do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"





# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno . . . . .	Fr. 14 .
	Semestre . . . . .	— 7.50
	Numero avulso . . . . .	— 0.30

## SUMMARIO :

*Carta a alguns condemnados á Fome.*  
*Breve retrato á penna d'um Herodes anarchista.*  
*A Chronica e as furtias republicanas.*

## Carta ao Presidente e aos demais membros de Tribunal Marcial de Chaves



ARCIAES CIDADÃOS !

No DIARIO DO GOVERNO de 7 do corrente mez encontra-se um annuncio, no qual vós Castilho Dias, secretario e alferes, e vós coronel-presidente que verificastes a exactidão, cita(s entre outras pessoas o ignorado escriptor d'esta CHRONICA a ir perante esse tribunal no praso de dez dias, afim de se fazer condemnar pelo crime de rebellião.

Podia eu muito bem, se quizesse, dar-me por desentendido, visto que não me chamo, como pretende a folha official, *Aníbal*, e não auctorisei a Republica a volapukilisar-me o nome, conforme está sangrando, desarticulando e resequindo o idioma patrio com satisfação de meia duzia de philologomatutos e em homenagem á ignorancia d'outra meia duzia d'escribas da actual florescencia republicana, os quaes não tendo conseguido jamais adaptar-se ao portuguez tal como elle era, resolveram crear elles um portuguez simplista e decretal-o, transmutando-se desde logo em linguagem erudita a nacional graphia antiga dos sapateiros d'escada e dos jornalistas fugidos ao exame de primeiras-lettras.



Mas lembra-me que as hesitações sobre a identidade das pessoas não devem deter um tribunal que n'estes mesmos editos cita alegre e fadistamente para julgamento um accusado, sob a unica designação de « Ex-policia Endireita » ; e que se apresta a considerar revel e a condemnar á Penitenciaria, na sua ausencia, um individuo citado assim — por certo algum modesto e honrado agente de segurança que recusou pôr o seu obscuro chanfalho de civil ao serviço da obra de ruina e de degradação nacional a que se hypothecaram tantos gladios gloriosos, temperados no fogo de mil combates — e que emfim, não tem obrigação d'acudir judicialmente pelas alcunhas que possam ter-lhe sido postas de commum accordo entre os Tribunaes Marciaes e os antigos *clientes* do *Endireita*, que são quem lhes agora propicia as victimas e lhes toca a pavana da marcialidade.

Resolvo pois responder, cidadãos condemnadores, ao vosso chamamento, visto que me quereis ouvir. Não vou em pessoa a Chaves, porque não ha precedente de ter ido espontaneamente submetter-se até agora ás decisões da vossa consciencia um unico accusado politico, desde os que entraram effectivamente em Portugal até os que á data da incursão se encontravam na Inglaterra, na Allemanha ou na Russia — o que diz tudo sobre o grau de confiança que á opinião publica merecem a escrupulosidade, a boa-fé e a hombridade dos julgadores.

Mas compareço perante o tribunal representado por esta CHRONICA, que tem a virtude d'ir a toda a parte, e que renunciando á tarefa inutil de defender o seu auctor, toma por elle assento no banco dos réus, cruza tranquillamente as pernas, e n'um tom familiar e isento d'acrimonia diz ao presidente, ao auditor, ao promotor, ao secretario e aos encravadissimos jurados o discurso que vae lêr-se.



Os senhores — começa a CHRONICA, no que em rhetorica se chama um exordio *ex abrupto* — não terão



vergonha? E se por causas profundas d'ordem psychologica não podem decididamente ter vergonha, não terão ao menos medo — não o medo da transferencia e do pau do carbonario, mas o medo legitimo do futuro immediato que se está preparando á sua Patria, a qual estertorisa emquanto os senhores estão para aqui a desempenhar em condições humilhantes um papel indigno da missão para que a Monarchia os educou e os escolheu e para que o paiz lhes paga, dando esse destino a uma larga parte do que tira ás suas necessidades e á sua miseria? Os senhores, que abdicando do mais bello instrumento moral do ser humano — a consciencia — estão para ahi servindo mercenariamente os rancores mais vis e os interesses mais execraveis d'uma Republica que não estimam e que os despreza; os senhores, homens d'espada, defensores da Patria por dever de honra da sua profissão e das suas pessoas, e que quando a Patria, na imminencia de subverter-se, atravessa o periodo talvez mais critico da sua historia, se limitam a enviar quasi quotidianamente para a Penitenciaria novas levadas de portuguezes, condemnados em geral sem provas ou contra as provas, isto n'uma tarefa tão estupidamente machinal e monotoma como a d'um asno girando dias e horas e semanas em torno da mesma nora, jungido ao mesmo jugo, — os senhores não vêem os negros dias d'opprobrio e d'indigencia que se estão reservando a si proprios?

Os senhores não vêem que o regimen não pode viver, que o regimen não faz senão agonisar, extenuar-se progressivamente desde o dia 5 d'outubro de 1910, e que se os homens da Republica os amarram, aos senhores, ás mais altas responsabilidades dos seus mais odiosos crimes, não é senão para terem alguém sobre quem declinem na hora da justiça uma parte da tremenda punição?

A Republica tem deante de si a questão internacional que a suffoca, a questão financeira que a estrangula, a questão da ordem publica, que ella é incapaz d'estabelecer porque a Republica é a mesma desor-



dem — e sem a qual, todavia, nunca regimen algum subsistiu. A Republica tem deante de si a questão politica, que não é outra coisa senão a questão da sua impotencia ingenta e irremediavel. A Republica foi incapaz de se organizar, quer administrativa quer politicamente, em mais de dois annos de vida e nas condições ideaes para a consolidação d'um regimen, isto é, com ausencia de qualquer opposição séria, jornalística, parlamentar ou eleitoral. Por outro lado, as suas facções fôram incapazes de dominar ou disfarçar os odios reciprocos que as abraçam, nem mesmo em face da prolongada ameaça que constituia a presença d'um inimigo commum na Galliza.

A Republica — representada no mais alto cargo do regimen por um consummado pateta, que veio muito a ponto para mostrar qual é o valor pratico da formula essencialmente republicana da eleição do Chefe do Estado — não tem um unico politico capaz de dar vasão sem os maximos despauterios aos simples serviços d'expediente ministerial, isto n'uma situação em que só poderiam salvar-a cerebros de genios servidos por braços de Protheus. A Republica não conseguiu ainda formar um ministerio homogeneo e que não fôsse unanimemente considerado morto desde a nascença.

E perante uma situação d'estas a Republica, alheada das classes conservadoras, que tem hostilizado furiosamente em todos os seus interesses e sentimentos, alheada das classes proletarias, ás quaes tem restituído em depesos e calumnias os serviços que d'ellas recebeu, cercada de odios mortaes que lhe espiam anciosamente a queda, appoiada unicamente na *canalha* que sempre foi o « vade-mecum » dos regimens que caminham para a ruina — a Republica quando não se entretém a accumular as suas difficuldades prodigiosas creando constantemente novos encargos para um thesouro ja exaustão, passa os ocios da sua precoce cachexia... obrigando todos os cidadãos a matar ratos na proporção das contribuições e a apresentarem ao regimen os respectivos rabos !



Não vêem então os senhores, os do exercito, que esta Republica d'imbecis, insusceptivel de cumprir o mais rudimentar dever d'um governo, é insubsistente, que não poderia prevalecer nem mesmo com o appoio decidido d'uma força efficaz — que aliás os senhores não constituem — e que se não se sair d'ella para a restauração da Monarchia ha de sair-se para a tutella do estrangeiro?

A restauração da Monarchia tem de corresponder, por dignidade d'ella propria e pela salubridade moral do exercito, á immediata expulsão das fileiras, de todos os officiaes que tiverem mostrado não saber defender a honra da sua farda, falsificando a função da justiça, desempenhando o papel ignobil de juizes fingidos e cumprindo subservientemente, sob a pressão abjecta do medo — moral e physico — a ordem de sepultar sem provas nas masmorras penitenciarias as victimas dos odios de todos os sarrafaças carbonarios espalhados pelas villas e aldeias de todo o paiz.

Mas a intervenção estrangeira seria coisa peor.

Em primeiro logar, os senhores hão de entregar-se e entregar o paiz sem dar um tiro. Não se ponham a tomar attitudes d'heroe de dramalhão historico. Entregam-se sem dar um tiro, porque não teem nem armas nem munições. Entregam-se porque não possuem nem organização nem disciplina, tendo todo o trabalho do traidor Barreto consistido desde o primeiro dia, como ministro da Guerra, em dissolver e inutilisar, por factos materiaes e moraes, uma corporação cuja duplicidade, cujas hesitações, a tornam igualmente suspeita e indigna de confiança a monarchicos e republicanos. Entregam-se, finalmente, porque não teem alma. Uma collectividade que supporta sem recalcitrar todas as humilhações que aos officiaes portuguezes são quotidianamente infligidas desde o advento da Republica e que assiste impassivel, quando não cumplice, á obra do fatal aniquillamento da Patria, que visivelmente se está effectuando — e que n'essa degradante postura é mantida por medo d'uns carbonarios de comedia manejando a bomba de dy-



namite que é a mais inutil de todas as armas de guerra — essa corporação não vae amanhã encontrar alentos novos, nem mais allucinados impetos de patriotismo deante dos canhões e das espingardas d'um exercito estrangeiro numeroso e disciplinado, com cuja victoria seria antecipadamente preciso contar.

Uma vez installado o estrangeiro em nossa casa, a titulo provisorio ou definitivo e qualquer que seja a formula da intervenção, é crível, porque é de boa politica, que elle procure respeitar no maximo as susceptibilidades e poupar quanto possivel os interesses das classes sociaes portuguezas — os do proprietario, os do operario, os do commerciante, os do agricultor, os do industrial. Mas ha uma classe, uma só, para a qual elle não terá dó nem piedade, limitando-se a dissolver-a e a pôr inexoravelmente no olho da rua aquelles que a compoem : é a classe militar. Isto por uma multidão de razões.

Em primeiro logar porque, precisando o estrangeiro por um lado cercear despesas e por outro dominar o paiz, não faz sentido que mantenha a soldo uma corporação, cuja função nominal é a da defesa da Patria.

Poderia o estrangeiro querer ter em Portugal um exercito, com que lhe fôsse dado contar no caso de possiveis conflictos externos. Mas quem ha de julgar aproveitavel o concurso d'uma officialidade, que n'esse mesmo momento terá deixado liquidar miseravelmente oito seculos d'independencia patria e de gloriosa historia nacional?

Poderia o estrangeiro querer conservar uma pequena força armada portugueza, commandada por portuguezes e incumbida apenas das modestas mas utilissimas funções de policia atravez do paiz. Porém como, se a historia d'estes dois annos nos mostra que o exercito é incapaz de manter a ordem publica (veja-se o ainda recente e vergonhoso exemplo da Associação d'Agricultura) e se exactamente d'essa comprovada incapacidade é que ha de resultar a intervenção estrangeira?



Poderia o estrangeiro querer manter o exercito n'uma meia-actividade que não constituindo uma ameaça o livrasse da indigencia, como tributo devido a uma corporação que no meio do geral pervertimento dos caracteres tivesse sabido defender a sua integridade moral, o brio profissional, a consciencia e o amor da sua missão publica. Porém a Europa sabe muito bem a historia da revolução e a da Republica, para não nutrir pelo exercito portuguez os mesmos sentimentos, que sempre experimentaram a respeito d'elle os nossos republicanos.

Desde o Imperador da Allemanha despindo a sua farda de coronel da nossa cavallaria e demittindo-se a si proprio d'esse cargo, até os *cabarets* parisienses representando o official portuguez n'uma personagem que deitava a fugir como um doido sempre que lhe apparecia no caminho um simples chinfrim de rua — não ha fóra do paiz quem não se considere edificado sobre a conducta da classe militar na tremenda crise nacional aberta em 5 d'outubro de 1910.

Ninguem ignora que quasi todas as figuras representativas do antigo exercito portuguez, quasi todas aquellas que pelos seus feitos de guerra ou pelas suas eminentes qualidades d'organizadores tinham um nome sabido e respeitado nos circulos militares da Europa, já não vestem hoje a farda que a intervenção extranjeira cobrirá amanhã d'um opprobio indelevel e eterno. Ninguem ignora que as espadas de Couceiro, d'Ayres d'Ornellas, de Vasconcellos Porto, de João d'Almeida, de João Gaivão, jazem nas bainhas, d'onde não sairão para saudar os energumenos que entre uivos de vingança e de morte estão consummando a ruina da Patria. Ninguem ignora que a Republica foi a occasião d'uma selecção que atirou para os montes da Galliza ou para a emigração pura e simples quasi tudo quanto no exercito portuguez ainda havia, susceptivel d'arriscar alguma coisa — e esse alguma coisa foi a carreira e a vida — pela salvação do seu paiz, ou incapaz, pelo menos, de collaborar com a sua



presença n'este horrendo epilogo d'uma historia de triumphos e de grandezas.

Finalmente, poderia ainda o estrangeiro, no momento em que tomar conta de nós, querer cohibir-se de medidas radicaes e violentas contra o exercito, como meio de lisonjear os nacionaes e de lhes conciliar a boa-vontade, se encontrasse no exercito uma instituição cercada pelas sympathias da opinião, que n'ella pudesse então vêr ainda como que um symbolo, uma reminiscencia da autonomia perdida.

Mas ha alguém que tenha illusões sobre os sentimentos da opinião publica acerca da força armada? Não sabem todos que a anarchia em que nos debatemos é o crime do exercito, incapaz d'arriscar um cabello para manter a ordem, e que consequentemente a intervenção estrangeira, a perda da autonomia nacional, será pelas mesmas razões o crime do exercito, crime tremendo e espantoso, crime involvidavel, crime irredimivel, acompanhado pelas maldições d'um povo, que hão de echoar pelas abobadas da Historia atravez dos seculos sem fim?

Oh! se na ferocidade inaudita do seu egoismo sem precedentes o exercito atração hoje o paiz que lhe paga, entregando-o amarrado de pés e mãos aos seus inimigos internos que o exploram, o pilham, o tyrannisam e o dissolvem, e preparando-se para o lançar ámanhã indefeso no dominio estrangeiro — o paiz saberá no momento opportuno dar-lhe o troco, applaudindo ás mãos ambas o poder, qualquer que seja, que queira tornar-se instrumento da immanente Justiça, pondo os empenachados e empelliçados filhos de Marte a engraxar botas no Rocio.

E de todas as providencias tomadas pela tutella em Portugal, essa será talvez a unica verdadeiramente popular...



— E agora — conclue a CHRONICA, olhando em torno do marcialissimo tribunal de Chaves, que está



braverrimo — podeis lançar sobre o meu constituinte a vossa irrisoria sentença, que elle felizmente está nos casos de desprezar d'uma maneira mais effectiva do que os desditosos que vos caem aqui nas unhas como victimas inermes do vosso pavor pueril. Podeis condemnal-o a uma pena penitenciaria que elle não cumprirá.

Vós, porém, é que antecipadamente, e inevitavelmente, vos estaes condemnando á fome e á miseria, e mais do que isso á ignominia, quando não ousardes confessar perante ninguem — nem perante os vossos filhos! — a vossa qualidade de... *ex-official portu-guez!*...



**Um anarchista** Conheço aquelle bisonho reitor do Passos Manuel, que queria fazer perder o anno a meio-mundo porque alguns rapazes dansaram o *maxixe* nos corredores do lyceu e não veneraram sufficientemente o trapo vermelho e verde a que chamam bandeira nacional.

Era — será preciso dizel-o? — um *anarchista intellectual*. Quasi todos os *anarchistas intellectuaes* do meu tempo d'estudante, assim que a Republica lhes chegou aos narizes a tigella do caldo burguez, deulhes um baque, e fizeram-se policias.

Inspectores de policia, administradores, commissarios, em resumo, policias mais ou menos graduados e em todo o caso representantes da auctoridade publica.

Aquelles que seguiram outro caminho — como este reitor — o instincto policial vem-lhes ao de cima logo que se bólem.

Fazia em Coimbra, nas reuniões academicas, na Universidade, e até ás esquinas das ruas, grandes discursos malucos contra o Estado, contra a auctoridade, contra as leis, contra as bandeiras, não admittia a justiça nem os tribunaes, nem concebia que um homem pudesse julgar e condemnar outros homens.



Mas então o *fôro academico* era-lhe uma obsessão, que o fazia mais doido que de seu natural. Aquellas duas palavras deixavam mesmo de ter no seu espirito uma significação concreta e definida, para valerem por uma especie d'expressão cabalistica, mysteriosa, demoniaca, que o punha possesso, fazendo-lhe tremer como n'uma vibração electrica as hirsutas guedelhas da cabeça. E soltava rugidos pelos cafés — o futuro algoz implacavel dos rapazes do *maxixe* — jurando que era preciso matar os lentes e arrazar a Universidade, para se dar cabo de *fôro academico*.

Ao mesmo tempo entendia bem que se exterminassêem os reis, os ministros, os juizes, os padres e os militares, para se refazer a Sociedade, não só sem *fôro academico*, mas inteiramente em novas bases.

N'isto era o homem d'uma exemplar abnegação pelos seus ideaes, porque se n'essa altura alguém matasse effectivamente o Rei, como elle reclamava, lá se lhe ia embora o subsidio com que o senhor D. Carlos o mantinha em estudos — apesar de conhecedor, o magnanimo Rei, da profissão de fé e das furiosas violencias de linguagem do pouco interessante moço.

E foi coherente, porque quando pouco depois o seu regio bemfeitor veio com effeito a cair assassinado, com o filho mais velho, no Terreiro do Paço, uma das vozes que se ergueram logo na imprensa a applaudir o crime foi a do subsidiado d'alguns annos antes. É verdade que a esse tempo já elle estava formado e professor de lyceu, ainda por intervenção e a pedido do Monarcha. Já não lhe fazia falta.

Foi esta prenda que o regimen poz a dirigir a educação dos adolescentes n'um grande estabelecimento d'ensino da capital ; e é este *anarchista* que cobre de insinuações os collegas que o não acompanharam nos seus rigores de caserneiro — dos bons tempos ! — contra uns pobres rapazes que pretenderam endireitar a espinhela (n'um inoffensivo *maxixe*) n'esta epoca em que toda a gente, novos ou velhos, tem que a ter curvada aos tyrannetes simultaneamente odiosos



e pelintras pelos quaes a Republica se representa em todas as suas relações com os portuguezes.

“ Se queres conhecer o villão, mette-lhe a vara na mão. ”



**Guerra á letra-redonda** Quando foram destruidos em Lisboa o CORREIO DA MANHÃ e outros jornaes monarchicos e expulsos do paiz os redactores d'aquelle primeiro, o sr. Bernardino Machado — que ninguem sabe se se faz parvo para encobrir a velhacaria ou se se finge velhaco para disfarçar a parvoice — disse a um redactor do TIMES que o foi intervistar, que « no Portugal republicano a liberdade de discussão e de critica era plena » ; mas que « a Republica *não podia admittir...* o estylo ironico ». O que a circumspecta gazeta londrina reproduziu na integra, passada de pasmo, balbuciando aos seus leitores que « não se comprehendia o estado da mentalidade que podia produzir semelhantes declarações ».

Com o que na realidade a Republica é incompativel não é com o *estylo ironico*, é com a letra redonda ; o que muito bem se percebe, conhecido o seu pessoal politico e jornalístico, que é todo de letras gordas.

Essa incompatibilidade manifestou-se desde os primeiros dias : na lei tão inepta como oppressora imaginada pelo snr. Affonso Costa para abolir a liberdade de pensamento ; nos assaltos cannibalescos successivamente organisados contra a imprensa independente de Lisboa, do Porto e da provincia ; no regimen de permanente coacção em que vivem em Portugal todos os jornaes que não appoiam aberta e submissamente o regimen, os seus crimes, as suas brutalidades, as suas depredações, o seu saqueio methodico dos cofres publicos e da algibeira do contribuinte.

A Republica sabe que precisa ser indiscutida para viver ; que o confronto entro o seu mais rutilante



estadista e o mais mediocre e apagado dos ministros monarchicos atira com este para o Pantheon dos genios ; que o confronto entre os seus *homens de bem* e qualquer dos ministros da Monarchia que mais atacados tenham sido pelos republicanos sob o ponto de vista da moralidade, acabaria por fazer pôr este ultimo n'um altar, ainda que se admittissem como verdades diamantinas todas as abjectas calumnias sobre que os immoralões de hoje fizeram as suas campanhas d'oposição.

D'ahi veem as perseguições inauditas que ultimamente teem visado em Portugal a CHRONICA DO EXILIO e até os seus leitores. Parece que ha no Porto um tal dr. Eloy, que faz coisas do arco da velha e por pouco não manda reduzir a torresmos as pessoas em cujo poder se encontra algum exemplar d'este folheto.

A estas violencias a um tempo estupidas e ridiculas correspondeu, evidentemente, um recrudescimento de pedidos da CHRONICA e a necessidade de reforçar consideravelmente as remessas para Portugal ; e assim se continuará, á medida que o dr. Eloy fizer asneiras, para maior gloria dos estadistas Leites e d'outras figuras por igual proeminentes e sabias da governação republicana.

O preto não quer fava, dá-se fava ao preto.

ANNIBAL SOARES.



